



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág.828-

O visível e o invisível no Transtorno do Espectro Autista: um relato de experiência à luz da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty.

The visible and the invisible in Autistic Spectrum Disorder: an experience report in the light of Merleau-Ponty's Phenomenological Psychology.

Le visible et l'invisible dans les troubles du spectre autistique : rapport d'expérience à la lumière de la psychologie phénoménologique de Merleau-Ponty.

Jane da Silva Paes

Mauro Batista Negreiros

Resumo

As produções científicas que buscam compreender o transtorno do espectro autista em si são incontáveis, mas ainda são insuficientes as publicações dedicadas a investigar os sentimentos das próprias pessoas acometidas pelo transtorno. O presente artigo apresenta a análise compreensiva do relato de experiência de pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sob a ótica da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. O relato teve início pela infância e pelas dificuldades não compreendidas ao desvelar da sua corporeidade, do desenvolvimento escolar e das dificuldades da psicomotricidade, passando pela busca da compreensão da própria espiritualidade, do senso artístico e das interações implícitas com os outros, pela compreensão da intercorporeidade nas relações, na vida amorosa, na compreensão do gênero e da sexualidade, e culminando com o sentido do mundo vivido a partir do relato da sua vida acadêmica e profissional, sua percepção da estrutura corporal pelos sinais, sintomas, dificuldades e comorbidades e da influência do mundo cultural nos cuidados com a pessoa com TEA. Conclui-se, a partir do relato da pessoa com TEA, quais são as dificuldades que estão efetivamente ligadas à deficiência no desvendar da biografia (visível) e que dificuldades estão relacionadas a outras nuances de vida como pessoa com deficiência (invisível).

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Psicologia Fenomenológica Existencial e Deficiência.

Abstract



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

The scientific productions that seek to understand the autism spectrum disorder itself are countless, but publications dedicated to investigating the feelings of people affected by the disorder are still insufficient. This article presents a comprehensive analysis of the experience report of a person diagnosed with Autistic Spectrum Disorder (ASD) from the perspective of Merleau-Ponty's Phenomenological Psychology. The report began in childhood and the difficulties not understood when revealing its corporeity, school development and psychomotricity difficulties, passing through the search for understanding one's own spirituality, artistic sense and implicit interactions with others, through the understanding of intercorporeality in relationships, in love life, in the understanding of gender and sexuality, and culminating with the sense of the world experienced from the account of their academic and professional life, their perception of body structure by signs, symptoms, difficulties and comorbidities and the influence of the cultural world in caring for people with ASD. It is concluded, from the report of the person with ASD, which are the difficulties that are effectively linked to the disability in the unveiling of the biography (visible) and which difficulties are related to other nuances of life as a person with a disability (invisible)

Keywords: Autistic Spectrum Disorder, Existential Phenomenological Psychology and Disability.

Résumé

Les productions scientifiques qui cherchent à comprendre le trouble du spectre autistique lui-même sont innombrables, mais les publications consacrées à l'investigation des sentiments des personnes concernées sont encore insuffisantes. Cet article présente une analyse complète du récit d'expérience d'une personne diagnostiquée avec un trouble du spectre autistique (TSA) du point de vue de la psychologie phénoménologique de Merleau-Ponty. Le rapport a commencé avec l'enfance et les difficultés non comprises en révélant sa corporéité, ses difficultés de développement scolaire et de psychomotricité, en passant par la recherche de la compréhension de sa propre spiritualité, de son sens artistique et des interactions implicites avec les autres, par la compréhension de l'intercorporéité dans les relations, dans l'amour vie, dans la compréhension du genre et de la sexualité, et culminant avec le sens du monde vécu à partir du récit de leur vie académique et professionnelle, leur perception de la structure corporelle par signes, symptômes, difficultés et comorbidités et l'influence du monde culturel dans prise en charge des personnes atteintes de TSA. Il est conclu, à partir du rapport de la personne avec TSA, quelles sont les difficultés qui sont effectivement liées au handicap dans le dévoilement de la biographie (visible) et quelles difficultés sont liées à d'autres nuances de la vie en tant que personne avec un handicap (invisible).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mots clés : Trouble du Spectre Autistique, Psychologie
Phénoménologique Existentielle et Handicap.

Conforme a conforme afirma Sociedade Brasileira de Pediatria O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos. Esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável. (2019, p. 1).

Ao que hoje conhecemos como Transtorno do Espectro Autista tiveram suas primeiras referências quando o psiquiatra francês Jean-Marc Gaspard Itard fez uma descrição do que denominou L'enfant Sauvage (a criança selvagem) após acompanhar Victor de Aveyron em 1801, caso que foi considerado o primeiro de acompanhamento de um autista (Zhou, Yin, Wang, Wang, 2019) revisto a posteriori por pesquisadores da literatura médica. o Transtorno de Espectro Autista vem, desde então, passando por mudanças importantes na sua conceituação. alguns autores atribuem o pioneirismo do uso termo “autismo” a Plouller, em 1906 e em 1911, mas o responsável por popularizar o termo junto à comunidade científica foi Bleuler foi (Marocco, 2010).

Leo Kanner, Em 1943, publicou o artigo “Autistic Disturbances of Affective Contact” (Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo) ocasião em que onze crianças foram observadas. entre elas, Kanner notou características comuns de comportamento como a incapacidade de estabelecer contatos afetivos e inabilidade para o relacionamento interpessoal. a partir dos resultados de suas observações delimitou os itens característicos do transtorno autístico (Fadda, 2013).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Lorna Wing em 1988 descreveu as definições atualmente utilizadas, de acordo com a Tríade de Wing, as pessoas autistas possuem déficits que se manifestam em três diferentes áreas de domínio: a Área Social, a da Linguagem e Comunicação e a do Comportamento e Pensamento. A nomenclatura de Espectro Autista foi sugerida por Wing como forma de qualificar o fenômeno dentro de um conjunto de síndromes que o caracterizam (Marocco, 2010). Estima-se que uma criança em 160 apresenta o transtorno do espectro autista, Segundo a Organização Mundial de Saúde, sendo a incidência quatro vezes mais comum em indivíduos do sexo masculino (Who, 2013). É estimado que cerca de 70 milhões de pessoas no mundo tenham o transtorno. A estimativa brasileira é que este número alcance dois milhões de pessoas (Brasil, 2013). segundo ONG's especializadas de Manaus, ainda não existem dados consolidados disponíveis nos órgãos de saúde no Amazonas, mas a estimativa é que esse número seja em torno 20 mil indivíduos.

Ainda não é possível prever se uma criança nascerá autista por exames pré-natais, ou mesmo na puericultura de recém-nascidos, já que não há um mapeamento de marcadores biológicos. Assim como, ainda não existem estudos conclusivos que determinem as causas, mesmo que as pesquisas venham sendo desenvolvidas amplamente desde a década de 1940. Disfunções genéticas, consequências dos metais pesados no organismo, problemas cromossômicos, metabólicos e mesmo doenças transmitidas/adquiridas durante a gestação (Dieleman, De Pauw, Soenens, Bevers & Prinzie, 2017) estão as várias hipóteses biomédicas.

Com a pressão de grupos de pais de autistas e novas pesquisas, somente na década de 1980, essas teorias foram abandonadas pela maioria dos cientistas e estudiosos, grande parte delas eram de base psicanalítica, caindo em desuso especialmente nos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Estados Unidos, onde predomina o cognitivismo, mesmo que ainda hoje sejam vistas, porém em menor escala, em países como a França (Telles, 2012).

O presente artigo apresenta a análise compreensiva do relato de experiência de pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autístico (TEA) sob a ótica da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. O relato teve início pela infância e pelas dificuldades não compreendidas ao desvelar da sua corporeidade, do desenvolvimento escolar e das dificuldades da psicomotricidade, passando pela busca da compreensão da própria espiritualidade, do senso artístico e das interações implícitas com os outros, a compreensão da intercorporeidade nas relações, na vida amorosa, na compreensão de gênero e da sexualidade, e culminando com o sentido do mundo vivido a partir do relato da sua vida acadêmica e profissional, sua percepção da estrutura corporal pelos sinais, sintomas, dificuldades e comorbidades e da influência do aspecto cultural nos cuidados com a pessoa com TEA.

Para a análise compreensiva, optou-se pelo arcabouço teórico de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) que conferiu um novo estatuto à compreensão da relação homem-mundo e homem-outro, ao tratar a consciência por meio da percepção, bem como, afirmou que a experiência de uma realidade vivida é anterior a qualquer conhecimento ao entender o homem como um ser-no-mundo. Ainda procurou demonstrar que o comportamento humano não é pura e simplesmente a soma dos reflexos, mas sim um conjunto de reações significativas. Suas contribuições para a Psicologia estão baseadas na organização do campo perspectivado efetuado pelo corpo-sujeito. Para Merleau-Ponty, nós humanos nascemos 'no' mundo e isso implica que estamos constantemente abertos à liberdade e por isso a uma infinidade de possibilidades. Dessa forma, os seres existem sob dois



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vieses em que não há determinismo e não há escolhas absolutas. Para Merleau-Ponty, a ênfase da experiência primordial pretende recuperar a dimensão do vivido no mundo e em seu sentido primeiro.

Merleau-Ponty (1945/2011) procurou concentrar o enfoque fenomenológico no mundo vivido ao destacar que a vivência da corporeidade é a dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, a qual vivenciamos por intermédio da experiência perceptiva, logo, o exame da essência deve levar em consideração a objetivação do vivido em seu próprio sentido de vivência enquanto se realiza a própria vivência.

Como um modo de ser do corpo/consciência em nível pré-reflexivo, a percepção é o ato originário, sendo necessário, por isso, descrever a percepção, a representação ou a motricidade de acordo como se relacionam com o mundo se quisermos conhecê-las. Para que a compreensão ocorra é necessário que a reflexão incida sobre o irrefletido. O fundamento ontológico da percepção como consciência originária da relação com o mundo somente é possível no decorrer da existência enquanto corpo coextensivo ao mundo.

Por meio da experiência perceptiva, Merleau-Ponty (1945/2011) recolocou o olhar fenomenológico no mundo vivido, no qual a vivência da corporeidade é dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, logo, “(...) a preocupação do filósofo, não é estabelecer diferenciação entre as noções de corpo como sujeito ou de corpo como objeto, mas, ao contrário, fixar a noção de corpo “vidente-visível” (p.49).

Dessa forma diferentes domínios sensoriais (visuais, táteis, cinestésicos, outros) apresentam-se interligados uns aos outros constituindo um sistema e não aparecem como regiões distintas uma das outras quando despertam o interesse para a percepção do corpo do ser, logo o objeto que se percebe não é um conjunto de sensações



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e memórias, mas é o todo que já se projeta com um significado próprio.

“A identidade da coisa através da experiência perceptiva é apenas um outro aspecto da identidade do corpo próprio no decorrer dos movimentos de exploração” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 252).

No presente artigo será contada a história de vida de uma pessoa, que será chamada aqui de Da Vinci, escolha própria do sujeito, pois um dia foi chamado assim por uma amiga, por duas razões que o fez repensar sua forma de ser e lidar com as próprias potencialidades. O artista Leonardo Da Vinci foi considerado um gênio que transitava entre as artes, engenharia, arquitetura, matemática, anatomia, ciências, era de fato um polímata, porém para alguns artistas ele era e ainda é visto como um artista preguiçoso, o que é possível ver até em estudos científicos, como nos arquivos da USP, no Ensaio sobre a Preguiça, de Paulo Emílio Pessoa Lustrosa Cabral (2015), que fala do artista ter uma hesitação, ou força que o faz desistir ou evitar a conclusão de vários trabalhos, ou seja, que idealiza muito, mas não realiza, não efetivava nem metade do que planejava e rascunhava, por isso há diversos projetos de invenções que nunca foram testadas ou de fato construídas que, muito tempo depois foram de efetivadas ou recriadas por outros inventores e se tornaram suas grandes realizações, como máquinas para voo, por exemplo. Da Vinci do texto presente foi assim chamado por ser visto pela amiga como um verdadeiro e completo artista, com domínio literário em prosa, verso, canto, criação artística, desenho, pintura, além de dominar outros conhecimentos de diferentes áreas, como metalurgia, filosofia e anatomia, dentre outras, porém que não vende suas obras, não expõe, pouco divulga e não publica o que escreve, tal qual Da Vinci, o que o levou a pensar e temer que poderia de fato seguir o destino de ser imensamente reconhecido *a posteriori* por não ter feito em vida o necessário para ter o mesmo destaque.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

No presente artigo, Da Vinci aqui retratado é uma pessoa de vinte e sete anos, com diagnóstico, atestado e laudo médico de Transtorno do Espectro Autista - CID10- F84.5 ASPERGER, considerando o novo CID 11- 6A02.0 Transtorno do Espectro Autista (TEA) sem desordem de desenvolvimento intelectual e com leve ou sem comprometimento da linguagem funcional, Nível 1 de suporte (leve); Altas habilidades - QI superior à média. Que está sendo acompanhado em psicoterapia.

1. O início: infância e dificuldades não compreendidas ao desvelar da corporeidade da pessoa Autista

Da Vinci iniciou seu relato escrito apontando que teve uma infância na qual o consideraram uma criança calma. Ele era, dos três filhos, o mais novo, nascido quando sua mãe e pai tinham 37 e 43 anos respectivamente. Na maior parte do tempo da sua infância, era considerado obediente, mas que apresentava características peculiares, pois começou a andar com quase dois anos de idade, desenvolveu a fala sem nenhum atraso ou prejuízo, aos três anos já falava plenamente, e como diziam os adultos - “muito bem explicadinho” - utilizando palavras corretamente e até complexas para a idade. Indagar sobre o corpo torna-se um indagar sobre a existência, quando se considera que o corpo é o veículo do ser no mundo. A *ontologia do sensível* que falou Merleau-Ponty implica que o mundo e corpo são simultaneamente sujeito e objeto, ou seja, o corpo pertence à ordem das coisas assim como as coisas também pertencem à ordem do corpo.

Recordou-se, no mesmo relato, que tinha sensibilidade a toque de formas específicas marcantes, como o pavor ao sentir um pente tocando sua cabeça para pentear os cabelos. Durante um tempo da infância, seu cabelo cresceu e precisou ser cortado por excesso de “nós”. Além desse fato, Da Vinci rejeitava beijos e sempre limpava o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

rosto quando alguém o beijava, isso incluía toques suaves como quando um gato ou cão encostava o focinho em qualquer parte de seu corpo, o que lhe causava a mesma reação. Por conseguinte, a experiência tátil do ser de tocar e o ser tocado, bem como a experiência visível do ser de ver e ser visto, saem de um mesmo tipo de ser, logo é no plano do sensível que estará à possibilidade de percepção do outro, o qual habita um mesmo campo sensível, embora não habite a mesma consciência, levando-se em consideração que a experiência sensível, tátil ou visível, é uma espécie de entendimento anterior a qualquer clivagem sujeito-objeto ou consciência-mundo. Nosso corpo, afirma Merleau-Ponty (1953/2011) é menos *objeto* de percepção do que meio de ação.

Uma dificuldade que se tornou motivo de vergonha para Da Vinci foi o fato de, em suas palavras ter “feito xixi na cama” até pouco depois dos sete anos, isso era seu segredo na infância e um de seus maiores medos, pois sua irmã, sempre que se irritava com ele, ameaçava-o dizendo que contaria para todos seu segredo e sua mãe sempre reforçava que isso era vergonhoso.

A percepção da interioridade do outro na sua expressividade corpórea é uma totalidade viva, expressiva em que se percebe de imediato o olhar, não somente os olhos, mas a vergonha, não somente o rubor da face e um esquema interno do outro que o ser teria que imaginar. Isto posto, temos que a comunicação e a compreensão de um gesto são realizadas com o estabelecimento de uma reciprocidade entre a intenção do outro e a intenção do próprio ser, por exemplo, o gesto não me faz pensar na raiva, ele já é a própria raiva, ou seja, o ser é capaz de percebermos a raiva ou a ameaça como um fato psíquico oculto no gesto do outro.

2. Desenvolvimento escolar: dificuldades da psicomotricidade da pessoa no Transtorno do Espectro Autista



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Da Vinci sempre sentiu que as interações sociais eram desnecessárias, achava desinteressante ouvir comentários, fofocas, conversas do modo geral, por não serem “úteis”, ele via como algo que não tinha razão de acontecer, sem sentido, falava com outras crianças quando queria brincar, para haverem os cumprimentos dos papéis nas brincadeiras que não tinha como suprir a si mesmo sozinho, como esconde-esconde, jogo da velha, vivo-ou-morto e brincadeiras de roda. Além das brincadeiras consideradas como “casinha” com utensílios, móveis ou outros objetos que imitam a casa que a presença do outro era facultativa.

Sua motricidade e habilidades sociais para esportes em equipe e com bola, como futebol, basquetebol, voleibol ou queimada nunca foram desenvolvidas e isso se tornou um grande problema nas aulas de educação física, sendo motivo de chacota, bullying e sofrimento para ele. Essa dificuldade era percebida pela maioria dos professores de educação física que tinham reações diferentes, alguns trocavam as atividades por trabalhos escritos para a proteção do aluno, quando percebido o bullying, outros insistiam em fazê-lo praticar a atividade, sem inibir as ações nocivas dos colegas, apenas tentando fazer com que ele participasse e conseguisse praticar o esporte da vez, em absolutamente todas as partidas, Da Vinci não completava, sempre precisava ser substituído por cair, machucar-se, deixar de marcar os pontos que equipe pedia, falhar em lances, toques, arremessos ou outros fundamentos do esporte praticado.

Apropriando-se dos escritos fenomenológicos de Merleau-Ponty e assumindo a relevância da percepção para a compreensão da Motricidade e da Corporeidade, Manuel Sérgio (1996) diz que uma relação dinâmica entre desenvolvimento humano e Corporeidade é propiciada pela Motricidade. Merleau-Ponty cunhou a partir da Fenomenologia o conceito de corporeidade que significa a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

existencialidade explícita de um ser que reflete o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de resignificar tudo aquilo que vê. O sentido de Corporeidade centra concentra sua atenção na busca de identificar os seres que se mostram na vida. A corporeidade pode ser simplificada ou minimizada, pois ela “[...] não é um objeto específico de estudo de alguma área de conhecimento científico [...] é mais que um conceito, é uma atitude perante a vida. É viver o próprio corpo na relação consigo mesmo, com as outras pessoas e com as coisas presentes no mundo” (Nista-Piccolo; Moreira, 2012c, p. 39).

Em contrapartida, tudo que a irmã ensinou na infância foi aprendido e, quando começou a frequentar a escola, suas habilidades linguísticas e matemáticas eram notáveis, ganhou todos os prêmios de honra ao mérito consecutivamente, considerado o melhor aluno todos os anos em que houve essa premiação na escola. Sua linguagem era rebuscada, complexa demais para idade e, por ter tido o aprendizado antes de ingressar na escola, quando iniciou, uma das professoras propôs o avanço de série, feitos os devidos testes, isso aconteceu, assim, Da Vinci não fez a primeira série da época. Ele conta que por um lado isso poderia ser considerado bom, por sentir que houve um reconhecimento do conhecimento que ele tinha, mas ruim por isso torna-lo o mais jovem da turma durante todos os anos seguintes. Isso até certo ponto o fez acreditar que sua dificuldade de interação, falta de interesse pelos assuntos dos colegas e problemas para interpretar as brincadeiras, figuras de linguagens e objetivos dos diálogos dos colegas era apenas pela diferença de idade. Porém o tempo passou e tudo isso continuou.

O corpo enquanto esquema corporal, ou seja, “como sujeito do movimento e sujeito da percepção” (Merleau-Ponty, 2000, p. 270), revela uma implicação direta com as coisas e com outrem. O corpo está implicado neles e eles implicados no corpo. O filósofo fala da



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“penetração à distância dos sensíveis por meu corpo” (p. 281). Isso na medida em que as coisas aparecem “como aquilo que falta ao meu corpo para fechar seu circuito” (p. 281). Merleau-Ponty, M. (2000).

Na medida em que o ser experimenta uma relação entre o que está posto aí no mundo e aquilo que visa pela ação, constituía-se um esquema corporal. Assim, faz sentido dizer que temos um hábito ou hábitos que “está adquirido quando ele se deixou penetrar por uma significação nova, quando assimilou a si um novo núcleo significativo” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 203).

[...] o corpo, como esquema corporal, o corpo estesiológico, a carne já nos deram a *Einfühlung* do corpo com o ser percebido e com os outros corpos. Quer dizer que o corpo como poder de *Einfühlung* já é desejo, *libido*, projeção – introjeção, identificação – a estrutura estesiológica do corpo humano é, pois, uma estrutura libidinal, a percepção um modo de desejo, uma relação de ser e não de conhecimento. [...] Qual é o Eu do desejo? É evidentemente o corpo (Merleau-Ponty, 1994, p. 272, grifo do autor). Merleau-Ponty, M. (2000).

O circuito que se forma entre o corpo, outrem e as coisas liga-se ao tema da condição diacrítica da posição do corpo no mundo. Ela liga-se também ao princípio da reversibilidade, à “metamorfose do vidente e do visível, que é a definição da nossa carne”, segundo Merleau-Ponty (1960/2013).

Era entristecedor para Da Vinci, ver os amigos iniciando suas trajetórias amorosas, seus dramas e relações e sentir que nada disso fazia o menor sentido para ele.

Eu tinha que conversar com quem era considerado estranho também ou excluído de alguma forma, porque eu sabia que eles iriam querer ter alguém dando atenção para eles, mas isso não fazia eles interessantes para mim e era triste porque nem nos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

grupos que eu poderia estar, eu tinha alguma sensação de interação real, mas minha irmã sempre disse que eu precisava fazer parte dos grupos, para ela era fácil, ela fazia isso por diversão, para mim era um gasto enorme de energia num compilado de conversas sem sentido, lembro-me que gostava de fazer piadas com jogos de palavras, os famosos trocadilhos porque era divertido, até hoje faço isso, mas na época fazia isso porque não entendia as piadas que os outros contavam e não queria parecer alguém que não sabia ter senso de humor. Tentei me adequar de todas as formas, estudei sociologia para saber mais sobre a sociedade, filosofia para compreender os sentidos das coisas, estudei sobre emoções e sentimentos para entender por que as pessoas faziam tanta coisa sem lógica, deveria ter alguma explicação para isso, estudei etiqueta para poder ter um comportamento que ninguém achasse estranho, essas coisas acabaram servindo como ferramentas para ter um aparência mais normal, só que isso tudo me deixava horrível, triste com a sensação de que de fato eu nunca seria isso, só estava aprendendo a disfarçar a mim mesmo na presença dos outros. Fiz isso durante muitos anos. A única sensação que isso me traz é a de perda de tempo. Quando começaram as épocas de namoro, tudo passou a ser ainda mais esquisito, nojento e sem sentido, as pessoas queriam beijar umas às outras, algumas diziam que isso era por sentimento, outras se vangloriavam por não terem sentimentos enquanto faziam, diziam que esse tipo de coisas pessoais não se deve contar, mas faziam isso enquanto já estavam contanto (???) nada faz sentido. Na época isso me causava várias emoções que eu não compreendia, eu sentia raiva, acabava descontando em mim sem perceber, me sentia triste e minha reação era a mesma da raiva, ficava ansioso e angustiado ao



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mesmo tempo em cada diálogo por não saber o que fazer eu só queria muito virar as costas e deixar as pessoas falando sozinhas, isso não significa que eu desgoste das pessoas, mas até hoje sinto essa vontade em quase todos os diálogos, alguns colegas eu tinha muita vontade de bater também, por falarem uma coisa, depois outra contradizendo a anterior e isso me confundia demais, um despautério alguém fazer isso com o outro que está se esforçando para entender o que se passa ali. Recordo que no fim do ensino médio fiquei (não chegamos a namorar) com uma pessoa que eu já conhecia e tínhamos uma amizade rasa, quando ficamos, poucos dias depois, ela disse que me amava e eu fiquei confuso, porque não tinha sentido, pelo que se compreende de amor, é algo intenso, forte, que se constrói com o tempo e tem um quê de compreender o outro e sentir algo forte que não deixa dúvidas do que é, pra mim, uma criatura da idade e noção dela, não tinha como estar amando nem a mim, nem a ninguém, então quando ela falou, eu agradei e disse que não sentia o mesmo, mas gostava dela, lembro que foi a primeira vez que entendi o que era a expressão de choque em alguém, tentei explicar para a pessoa esse ponto de vista, mas ela insistiu que poderia sim me amar e que eu ainda iria amá-la, confesso que quis rir, mas nessa idade já sabia que era antiético rir dos sentimentos declarados de alguém, então não fiz nada, tempos depois ela “terminou” comigo, eu achei estranho terminar algo com alguém com quem eu não tinha nada, afinal não houve pedido, não houve sentimento correspondido, não nos declaramos namorados um do outro, por mim, era só dizer que não queria mais me beijar, faria mais sentido, mas tudo bem, talvez isso importasse para ela, muitos anos depois eu a vi num ônibus, ela tinha a mesma expressão de quem espera por alguma frase há muito tempo, mas acho que foi só impressão minha. Meu primeiro



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

beijo também foi estranho, aos quinze com uma pessoa que eu achava legal por ter vários talentos em música, mas que eu nunca consegui entender porque vivia dizendo que não poderia fazer diversas coisas, mas sempre acabava fazendo todas essas coisas, foi assim sobre me beijar também, ah, sobre beijos, acho que só depois dos vinte e dois anos eu aceitei a ideia de beijo de língua, antes disso era só um evento muito nojento que eu me obrigava para poder contar aos amigos dentro das coisas que não se deve contar para ninguém, mas que se conta aos amigos, porque aparentemente é assim que funciona.” (Da Vinci, 25, abril, 2023).

O ser percebe um mundo comum ao dos outros por ser corporalizado, e em sua experiência a qual se relaciona e se comunica com os demais sujeitos no plano mais profundo e invisível, familiar, cultural não somente ao nível da fala, portanto o ser não constitui um mundo particular, pessoal e independente dos outros que gravitam sobre a consciência do ser e o que eles pensam, sentem e percebem não pode ser desconsiderado, pois o mundo é cultural. Dessa maneira, a noção de subjetividade amplia-se para a noção de subjetividade intersubjetiva.

Uma vez que a consciência está ligada à corporeidade e que o corpo não é a sede de processos da constituição carnal do outro, mas o veículo da atitude intencional, isto é, do próprio “ser-no-mundo”, a subjetividade não é puro “em-si”, nem puro “para-si”, tampouco a disposição dos dois, conforme mostrou as análises precedentes Merleau-Ponty (1945/2011).

Para Merleau-Ponty o corpo do outro como portador de um comportamento é o primeiro dos objetos culturais. A questão está em saber como um objeto no espaço pode tornar-se o “rastro falante de uma existência” (MerleauPonty, 1945/2011, p. 467).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O corpo dos outros é parte essencial deste circuito. Merleau-Ponty (1994) anota: “A articulação do seu corpo sobre o mundo é vivido por mim naquela do meu corpo sobre o mundo onde eu os vejo” (p. 281). Essa intercorporeidade é descrita em termos de relação entre esquemas corporais. Mais do que isso, ela é descrita em termos de identificação, de projeção e de introjeção.

3. De corpo e alma: A busca da pessoa autista pela compreensão da própria espiritualidade, senso artístico e das interações sociais deste meio

Desde os três anos, Da Vinci foi levado à igreja pela irmã, era um ambiente que gostava por ter um campo aberto na lateral onde as crianças permaneciam, isso implicava em não ter a obrigatoriedade de estar muito perto de todas as crianças e as atividades não eram direcionadas, ele só precisava estar por ali para ouvir o que era dito e seguir comandos, na maioria das vezes comando repetitivos, como levantar para cantar, sentar para ler, levantar para cantar novamente, fechar os olhos para orar, ficar calado para ouvir algo, sempre sobre as mesmas coisas, na visão dele.

Merleau-Ponty explicitou a inerência do sujeito a um mundo social a pessoa se encontra situada num universo de utensílios, de hábitos e de ideias que ela não constitui desde o nascimento e que formam o horizonte da sua atividade prática e cognoscitiva e este social existe como solicitação e condicionamento mesmo antes de ser acolhido numa percepção explícita ou qualquer juízo. “A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela fornece... O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há ali uma sociedade a conhecer” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 465, 466).

As atividades foram mudando conforme foi crescendo, com toda facilidade do mundo, ele decorava as músicas, relata inclusive que até



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

hoje sabe mais de quatrocentas músicas religiosas, letra completa, então quando a irmã começou a cantar na banda, passou a aprender mais sobre música e com incentivo dela, também ingressou na banda anos depois, quando sentiu que já sabia o suficiente para conseguir cantar, sempre com outras pessoas, solo nunca foi um objetivo, pois precisava de uma voz para se situar. Cantou na banda, coral e pelo coral ter sempre caracterizações, passou a participar também das peças de teatro, adorava o fato que conseguia decorar as falas com facilidades e não se importava nem um pouco com o que o público iria pensar, afinal, eles não tinham conhecimento sobre teatro e se ele errasse, ninguém saberia a menos que ele dissesse então até se esquecesse, poderia só dizer outra fala no lugar e nada iria acontecer, tudo parecia uma grande brincadeira para ele, fingir expressões faciais já era um hábito, pensar nos movimentos corporais enquanto estava diante dos outros também era algo comum a ele, todas essas coisas lhe eram familiares, comuns e era o momento dele de aproveitar isso para fazer algo divertido e considerado normal e aprovável aos olhos de todos.

É devido ao fato de pensar, atuar, utilizar e assumir uma série de esquemas não físicos e que servem de orientação para o ser compreender o mundo que o torna capaz de compreender a ação humana dos sujeitos sobre um mundo que nunca se constitui e nunca acaba, pois está sempre em processo de construção e formação.

Por gostar de pintar, sempre foi chamado para pintar os cenários das peças, gigantescos, passava dias pintando, todos se admiravam que isso não era problema para ele, mesmo que tivesse passado mais de seis horas pintando sem pausas, se olhassem para ele, parecia que tinha acabado de chegar ali, super tranquilo, concentrado, quase sem mover o corpo, só as partes que usava para pintar. Os amigos achavam engraçado quando diziam para ele parar e ele dizia “calma aí,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

agora que eu estou começando” mesmo depois de horas, mas de fato, para ele era como se o tempo não tivesse passado, não sentia sede, não sentia fome, não sentia sequer vontade de ir ao banheiro, só comia ou bebia água quando alguém ficava preocupado e levava algo para ele. Com o tempo, percebeu que essas questões fisiológicas realmente não eram percebidas em vários momentos e por estudar sobre, começou a adotar medidas como contabilizar a quantidade de água diária, porções de comida e marcar horários para isso, depois de ter sofrido perdas de peso consideráveis sem explicação, só por não perceber a própria fome e infecções urinárias por não sentir sede.

As relações com a igreja foram interrompidas depois de conflitos e circunstância que o fizeram perceber que o que era dito como certo, quase todos não o cumpriam e era muito injusto porque ele sempre seguiu detalhadamente tudo que era dito a ele. Foi um tanto quanto triste, pois sabia que não teria mais tanto contato com as artes, visto que isso fora da igreja era um mundo completamente desconhecido para ele, mas também não queria mais sentir raiva de Deus vendo todas aquelas pessoas fazendo coisas horríveis na casa que deveria ser dele e não havendo nenhuma punição como eles mesmos pregavam que haveria, então basicamente era tudo uma grande mentira, ou Deus não era tão justo assim, na visão dele. Para preservar a imagem de Deus, achou melhor se retirar, talvez Deus já tivesse feito o mesmo há muito tempo. Obedecer deixou de ser algo que ele fazia por querer cumprir o ideal da tal vontade de Deus, passou a ser algo que só seria feito se houvesse sentido, como era na escola ou em outros lugares. Nessa trajetória, foram vividos aproximadamente dezenove anos dedicados à igreja, quase que sem faltas, sempre cumprindo tudo que era solicitado.

Há, ao redor do homem, o mundo cultural que refletido pela ação humana, pois o homem não vive somente num mundo físico. Uma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

atmosfera de humanidade é emitida por cada objeto do mundo cultural.

Daí que “no objeto cultural, eu sinto, sob o véu de anonimato, a presença próxima de outrem” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 466).

4. A compreensão da intercoporeidade nas relações, na vida amorosa, na compreensão do gênero e da sexualidade do autista

O ser percebe o outro diretamente no seu comportamento, sem ter que decifrar um gesto ou uma expressão corporal as quais, posteriormente, o ser deduzirá uma psique semelhante, ou seja, para o ser a situação do outro é sempre apresentada e não vivida em primeira pessoa. Por esse motivo, a dor ou a sua raiva do outro nunca terão o mesmo significado para o ser para o outro. Portanto, o ser somente pode se comunicar com o outro sob um aspecto de generalidade e anônimo, pois, mesmo as situações mais típicas e mais estáveis do meu ser genérico são sempre retomadas à luz de um projeto pessoal, de um ser-no-mundo que é do ser e somente do ser.

No seu relato, Da Vinci apontou que uma queixa muito comum da família era a ausência de demonstração de sentimentos, por vezes acusado de não gostar das pessoas, chamado de “sem sentimentos”, o que não fazia sentido para ele, pois afirma que gostava de algumas pessoas, mas não via necessidade e nem forma de expressar isso ou como convencer as pessoas disso, então apenas se acostumou a ser chamado assim pela família, acreditando que, mesmo assim, eles poderiam não estar falando sério e soubessem que haviam sentimentos por eles principalmente.

Quanto à vida amorosa, Da Vinci expressou que o primeiro beijo foi aos quinze, seguido de um namoro virtual que foi uma experiência mais tranquila para ele, por não precisar ter contato físico com a pessoa, terminou quando a pessoa veio para a cidade. Depois teve o envolvimento no final do ensino médio relatado na trajetória escolar, após isso só houveram novos envolvimento no segundo ano em



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

faculdade, que foi confuso por de novo se tratar de alguém que dizia não poder desenvolver uma relação com ele, mas buscava por ele, durou pouco tempo por não fazer sentido.

Pela percepção o ser descobre a presença de um outro além da reflexão sobre si mesmo conforme Merleau-Ponty afirma e que o cogito cartesiano concebia que "o eu só é acessível a si mesmo" (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 9), uma vez que o eu se define pelo "pensamento que sou capaz de realizar sobre mim mesmo" e, além disso, sou o único capaz de obter esse pensamento sobre "mim mesmo".

Nessa mesma época, Da Vinci reparou que também era possível gostar de pessoas do mesmo gênero, o que foi contraditório, visto que aprendeu na igreja que isso era errado e por medo de não estar agradando a Deus, tentou retornar à igreja na época, o que continuou com um sentimento de desconforto e confusão, por ser uma nova igreja, o contato que conseguiu ter com as artes lá também não era o mesmo, então apesar de gostar em alguns pontos, o sentimento de medo do diferente o fizeram não saber como lidar com tudo isso, lá mesmo começou um novo relacionamento com alguém que poderia ser considerado como adequado, por ser do gênero oposto, mas os sentimentos não correspondiam, porém insistiu acreditando que se cumprisse tudo que lhe era dito por todos ao redor, daria certo. Essa relação durou dois anos, o colocou em risco diversas vezes, a pessoa o maltratou, violou e deixou danos fisicamente, psicologicamente, patrimonialmente, quase academicamente, pois tentou impedi-lo de continuar a faculdade, e socialmente ao isolá-lo completamente de todos os âmbitos de convívio. Da Vinci relata que se não fosse uma amiga conversar e dar amparo a ele, nem sabe se teria conseguido sair da relação ou se sequer estaria vivo, pois passou momentos assustadores com essa pessoa.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na historicidade de Da Vinci, ele relata que sempre houveram “adoções” de amigos para com ele, isso consistia em um colega perceber seu isolamento e o adotar como amigo para cuidar e o acompanhar, por perceber que havia alguma falta nele, seja de proteção, de companhia, de suporte, de quaisquer coisas, em determinados momentos surgiam pessoas que o adotavam para cuidar dessas coisas. A amiga que o ajudou no final dessa relação, por exemplo, foi alguém que cuidou como filho, o trouxe para casa, ensinou muito sobre relações, pessoas, namoros, casamentos, sexo, família, possibilidades além dos certos e errados aprendidos por ele na igreja e passou a explicar como de fato as coisas acontecem na maioria das vezes. Ele aprendeu muita coisa com ela, apesar de não entender a razão de muitas dessas coisas acontecerem ou por que as pessoas seguem dessa forma, conta que foi muito bom saber que tudo isso é real e acontece assim então agora poderia se cuidar melhor ou reconhecer quando algumas coisas começarem a acontecer. As adoções nunca foram algo solicitado, mas partindo da percepção do outro da necessidade de suporte iminente nele.

O filósofo Merleau-Ponty (1945/2011) acreditava que a existência não fosse simplesmente consciência de existir por intermédio do corpo para o outro existir realmente para o ser, mas que esse olhar do outro pudesse trazer também uma existência na qual se percebe posicionamentos diferentes do ser, um corpo que expressa algo diferente daquilo que o ser sente ou percebe, isto é, que expresse intencionalidades. Para Merleau-Ponty (1945/2011), pela percepção do homem-no-mundo lhe revela que é um ser situado e alheio a uma liberdade absoluta. Como o próprio Merleau-Ponty expressa: “estamos misturados ao mundo e aos outros em uma confusão inextricável. A ideia de situação exclui a liberdade absoluta na origem de nossos envolvimento” (1945/2011, p. 160).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Da mesma forma, na faculdade, no terceiro ano, após algumas mudanças de cursos, por não conseguir se adaptar às turmas anteriores, começou novamente o curso que tinha iniciado escolhido inicialmente, a familiaridade com o contexto o ajudou nesse caso, mas se inserir na turma era assustador demais, uma turma grande com muitas pessoas que falavam demais, a vontade em todas as aulas era de levantar e sair. Nessa época ele foi adotado novamente, agora por um novo amigo, esse fez algo que Da Vinci considerou como de suma importância para todas as outras relações a partir dali, ele o fez acostumar-se quase que compulsoriamente com toque físico, festas e a interagir com pessoas, mesmo que não sentisse que existia uma obrigação por contexto de ter contato com aquela pessoa ele aceitou a amizade. Esse amigo conversava tocando nele, segurando braço, sempre com contato, foi desesperador no começo, Da Vinci conta que:

Ele era muito invasivo, falava pegando, encostado em mim, segurava meu braço pra cumprimentar e não largava enquanto falava, mesmo depois de já ter cumprimentado, eu puxava o braço, ele reclamava, dizia que era pra eu aceitar carinho, me abraçava, eu o empurrava, parecia que quanto mais eu reclamava, mais ele queria me fazer conseguir passar por aquelas situações. Ele era uma pessoa que eu considero muito popular, o tipo que hoje podemos chamar de “blogueirinho”, além de ser alguém que nitidamente adora ter esses contatos com as pessoas. Com ele aprendi mais sobre isso, passei a relaxar mais quando alguém tocava em mim, passei a rejeitar menos os contatos com os outros, hoje em dia percebo que meu amigo sofreu durante esse processo, eu não fui tão compreensivo assim nos comportamentos dele, meu estranhamento com tudo aquilo também era estranho para ele, mas uma coisa que eu sempre achei incrível era que ele conseguia falar o que sentia, na mesma hora, não precisava parar para tentar



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

interpretar, ou perguntar de outras pessoas o que seria aquele sentimento, como era pra mim, ele conseguia falar na cara de alguém que achou estranho uma fala, que achou engraçado, que não gostou, que gostou, que queria diferente daquilo, isso tudo para mim era tão surreal, mas ainda assim, não me identificando com quase nada no meio de tudo isso, era uma pessoa que acolhia e eu gostava muito de lembrar que tinha ele, acho que no começo eu gostava até mais de lembrar dele e saber que tinha ele como amigo para contar, do que de fato de estar em contato com ele, não entenda mal, no começo a sobrecarga sensorial era enorme, muito toque, faz eu me coçar depois, nem é alergia é sobrecarga sensorial, descobri isso depois, quando percebi que descanso e distanciamento social por alguns instantes tinham resultados muito melhor que antialérgicos. Eu ficava ansioso com os contatos com ele por nunca saber o que esperar, ele era imprevisível em ações, mas previsível em pensamentos, julgamentos, vontades e reclamações e isso eu conseguia acompanhar bem, então também dava para ajudar, como oferecendo soluções para as reclamações, já que eu tinha a lógica sempre muito mais rápida em qualquer situação. Passamos muitos anos juntos como amigos, nos afastamos quando, durante o relacionamento desastroso aconteceu, mas voltamos em seguida, ele disse que me perdoou, mas eu não tinha entendido isso direito no começo porque quem o destratou foi a pessoa que estava comigo, não eu, mas depois compreendi que fica a sensação de que eu deixei acontecer, mas se não fui eu que fiz, a ação do outro não posso controlar, então não tinha como deixar, ou não deixar, todavia eu sei hoje que se algo acontece em decorrência de escolhas minhas em algum momento, então mesmo sendo ação do outro, podem alegar meu envolvimento de alguma forma, ainda que tenha passado bem



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

longe da minha vontade e controle de que aquilo acontecesse, não sei se ficou claro. Mas de modo geral, fico feliz e grato que sejamos amigos até hoje, construímos muito aprendizado juntos e ele me ajudou nesses aspectos que falei, posso dizer claramente que amo meu amigo e ele sabe disso. (Da Vinci, 25, abril, 2023).

Conforme apontou Merleau-Ponty (1945/2011, p. 251), “o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido”, e também afirma que, para buscar compreender o sentido primeiro do vivido como pressuposto básico do sentido de existência, não basta contextualizar na vivência do ser no mundo a especificidade da ação do sujeito e do objeto.

Os gestos não são uma operação redutível à explicação da dimensão intelectual, por isso se torna uma dimensão privilegiada de reconhecimento do outro uma vez que “ser é sinônimo de ser situado” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 339). Dessa forma, o processo de compreensão implica contextualizar de modo descritivo a experiência primordial por meio dos gestos (sorriso, carícia, olhar, etc.) ou em uma diversidade de ações na vivência do ser no mundo. “é preciso reconhecer como irreduzível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido” (p. 252).

Passada a relação abusiva, começou a pensar melhor sobre como se relacionar e sobre as crenças que ainda tinha, nessa etapa ficou com algumas pessoas, do gênero masculino e feminino.

As primeiras experiências homoafetivas foram interessantes por perceber formas diferentes de ser tratado, percebeu que existem maneira de ser e se expressar que são mais comuns em um gênero e em outro, passou a se questionar sobre sua expressão de gênero e reparando bem, não se encaixaria nem em um, nem em outro, estudando mais sobre, entendeu que isso era pela binaridade



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estabelecida pela sociedade a qual pertence, isso resultou com que a expressão de gênero não-binário lhe parecesse mais adequada, mas sem mudar pronomes, isso seria mudança demais e seu apego a normal culta da língua portuguesa não o permitiria.

Quanto à sexualidade, Da Vinci relata que compreendeu que quando se atraía por alguém, era relacionado à admiração que sentia, pelos interesses em comum, pelas aptidões, talentos e principalmente inteligência, que não tinha nada a ver com o gênero da pessoa, isso nem precisava ser um critério a não ser em questões religiosas, mas lendo melhor textos bíblicos originais e revendo as interpretações, não fazia mais sentido acreditar nisso.

O ser pode encontrar e compreender o outro na conduta pela qual o outro se relaciona, pois a consciência do ser está voltada para o mundo e a consciência do outro também está voltada da mesma maneira de se comportar em relação ao mundo. O ser pode encontrar nessas ações do outro um sentido, pois as ações são temas de atividade possível para o próprio corpo do ser, o qual é uma consciência voltada para as “coisas”.

Para Merleau-Ponty, há uma reestruturação intencional constante dado que existe um sujeito encarnado que elege figuras em meio a fundos, que se direciona ao mundo, a outro, diante das possibilidades que o mundo lhe oferece e posições que o corpo toma ante este meio.

Atualmente Da Vinci está em um relacionamento há menos de um ano, que considera recente, mas sente-se bem, ambos tem a mesma sexualidade, pouca diferença de idade e uma forma de ser que ele considera muito compatível, a pessoa o respeita e tem muita disposição a buscar entende-lo, trata com carinho e compreende tudo aquilo que ele poderia considerar como particularidades do TEA, como a restritiva seletividade alimentar, os movimentos repetitivos, as crises,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

as necessidades de rotinas, os cuidados com a inserção de coisas novas, pequenas e grandes mudanças, tem sido muito cuidadoso e, principalmente, não se incomoda com nada disso e respeita o tempo e jeito que tudo funciona para ele, além de tentar deixar tudo mais leve e melhor para Da Vinci, pois já presenciou algumas crises estando juntos e o acolheu e cuidou muito bem. Considera-se muito feliz nesse relacionamento, ele sabe sobre o diagnóstico e apoia no tratamento e acompanhamento, além de apoiar em outros aspectos da vida, mesmo sendo algo que considera recente, Da Vinci afirma que consegue entender tudo isso como amor, que ama e se sente muito amado.

5. O sentido do mundo vivido no TEA a partir do relato de vida acadêmica e profissional

O mundo vivido é um tema constante na obra de Merleau-Ponty. Para o filósofo a experiência de existir, isto é, a experiência do ser no mundo sempre situa questões entre o sujeito e o mundo. Assim, a vivência corpórea ocupa um espaço privilegiado ao longo das escritas de Merleau-Ponty que destaca que a experiência do corpo como um acontecimento do ser no mundo e o movimento da vida na condição humana se realiza de forma a atribuir sentidos diversos de existência.

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem o qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 3).

Adaptar-se à faculdade foi algo assustador, Da Vinci teve uma trajetória conturbada, como sentimentos que variavam do medo, ansiedade, tristeza, vontade de se afastar de todos e dificuldade para



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compreender dinâmica de funcionamento das turmas, setores e tudo que envolvia a vida acadêmica.

O mundo vivido é sempre um mundo percebido de acesso ao ser e ao mesmo tempo em constante mostrar-se que retoma o sentido de existência, ou seja, como o mostrar das coisas e das relações possibilitam a compreensão dos seus significados. Merleau-Ponty (1945/2011) postula que somente no meio do mundo é que ocorre a experiência de existir, tendo em vista que o ser existe no corpo, desde o nascimento e ao longo de toda a existência está sempre situado em algum lugar em meio aos instrumentos e utensílios e como presença ou ausência para o outro, ou seja, sempre está inscrito no mundo.

Uma das dificuldades relatadas das interações sociais institucionais era compreender questões abstratas, que não tinham imagens ou formas concretas, empíricas, de se fazer ou proceder. Como diferenciar seminário de workshop, de feira cultural ou expositiva, de apresentações em geral, tudo era estranho por ter nome diferentes e resultarem nas mesmas coisas que seriam apresentações, público assistindo e assuntos sendo falados. Trabalho de aula que são considerados iguais, mas tem diferenças abstratas, conversas que tratam de temas diferentes, mas com objetivos iguais que faziam ele se questionar por que precisavam conversas diferentes para chegarem nos mesmos objetivos. Além das interações sociais se tornaram mais estranhas ainda, pessoas que se tratavam muito bem em grupo e quando saíam um ou dois, as outras falavam coisas o faziam acreditar que eles na verdade não gostavam daquelas pessoas, mas que pelas ações na maior parte do tempo faziam parecer que gostavam, era confuso demais compreender a dissimulação, as brigas internas, as entrelinhas, tudo isso não tinha sentido e quando coisas sem sentido aconteciam ou eram percebidas, uma resposta natural de Da Vinci era andar, afastar-se, movimentar-se. Estudar em uma universidade



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

grande, com várias áreas por onde poderia caminhar livremente foi algo que serviu como válvula de escape para muitos desses momentos. Na ausência disso muitos comportamentos associados a sobrecarga sensorial aconteciam, como arranhar-se, movimentos repetitivos, coçar e arrancar cabelos, mas nada disso era feito voluntariamente, só percebia depois de fazer.

Um contato inaugural com o mundo marca o corpo em sua dimensão sensível por meio de nossa capacidade de sentir e de nos mover no mundo. Desde o nascimento, o ser se encontra no mundo com um conjunto de percepções, gestos e constituição psicofísica que não foi constituído e nem escolhido pelo ser, mas que lhe foram dados e formam o terreno natural sob o qual se fundamenta todo o seu eu.

A comunicação era um grande desafio, considerando as nuances das expressões vistas nesse meio, a forma que as pessoas interagem, por essa razão sentiu muita dificuldade em fazer amizades, mas as “adoções amigas” forneceram o suporte necessário para isso. A ansiedade que tudo isso causava, foi tanta que tentar mudar de curso parecia uma tentativa de buscar começar do zero podendo propiciar tentativas melhores, mas com o tempo familiarizar-se e tentar prosseguir, pareceu mais adequado e justo ao esforço e aproveitamento da conquista da aprovação nos vestibulares.

Presencialmente, Da Vinci iniciou a faculdade cinco vezes, entre desistências e recomeços, iniciou novamente e permaneceu no primeiro curso que havia conseguido concluir um período por completo. Depois que decidiu de fato ficar naquele curso, focou e o concluiu com pelo menos três períodos a menos que o previsto para formação, especializou-se logo em seguida e passou a dar aulas para a graduação, relata que é muito agradável falar sobre assuntos que estudou por muito tempo, transmitir as informações é natural, consegue passar horas falando sobre um assunto de seu interesse, como se não



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

visse o tempo passar, além de exercer a profissão na qual é bacharel, para além da docência. Conta que nunca comentou sobre o TEA com os amigos da faculdade, nem amigos profissionais, depois que formou, por receio de ter seu potencial subestimado.

Da Vinci conta que a escolha profissional não era difícil, mas foi confuso para ele, pois tinha bastante pressão familiar sobre a escolha que faria. Ele conta:

Quando estava terminando o ensino médio, meu pai disse que se eu quisesse fazer faculdade, eu deveria dar meu jeito de passar, pagar faculdade não era uma opção e nada de escolher um curso que não garantisse um bom trabalho, porque ele não iria sustentar filho maior de idade em casa. Lembro que quando falava sobre arte, era sempre repreendido, não poderia ser considerada profissão, deveria entender que isso é só para o tempo livre, porém se eu estivesse fazendo algum desenho ou algo do tipo, isso significava que eu estava com tempo livre demais e precisava arrumar logo um trabalho. Vale ressaltar que eu estava terminando o ensino médio com dezesseis anos, então eu não fazia ideia do que era a vida adulta, na real, nem a adolescência eu tinha entendido como funcionava, eu me sentia uma completa criança com um repertório vasto de palavras, vários medo e com a necessidade de escolher uma profissão aceitável aos olhos dos meus pais, ou eu teria que ir para a linha de produção de alguma fábrica, afinal era isso que eu escutava, nem sei se é bom ou ruim o trabalho em fábrica, só sei que era falado como se fosse um atestado de fracasso, porque eu deveria começar a faculdade e já procurar um trabalho que eles considerassem bom, para suprir minhas despesas na faculdade. Acabei indo para a área de saúde, dei um passeio pelos cursos, mas formei, foi um grande desafio a faculdade, nada pelas matérias, isso era tranquilo, aprender um



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conteúdo não é problema, mas os trabalhos em equipe eu precisava me afastar e voltar várias vezes para conseguir reunir. Quando a sala de aula estava cheia, era comum eu precisar levantar e sair algumas vezes, nem sei explicar a sensação de sufocamento que eu sentia, até hoje tenho isso, dependendo do ambiente. Sempre chegava tarde, no limite do horário para começar a aula, para evitar as interações com as pessoas antes da aula e praticamente saía correndo no minuto que acabava, quando ficava depois da aula era por alguma razão específica ou porque alguém me fez ficar lá. O meu amigo, que eu tenho grande estima, acho que hoje caminhamos para os oito anos de amizade, eu sempre estava com ele e isso me dava mais tranquilidade, porque ele falava, me sentia bem porque sabia q ele iria perguntar tudo e conseguir as respostas para mim, ou traduzir os comportamentos das pessoas, ele me ajudou muito nisso, nem sei se ele sabe o quanto. Ah, sobre entender, eu não sei se isso se encaixa em um prejuízo para a compreensão de determinados assuntos, mas com o tempo passei a compreender melhor sobre a rigidez cognitiva e as disfunções executivas, percebo que eu não conseguia interpretar essas interações, eu me prendia em pontos para compreender, mas acabava ficando preso ali, igual querer pensar numa cor com a letra G, num jogo de abecedário, e só pensar em *grey*, mesmo sabendo que precisa pensar em português, e parece que o cérebro trava ali e não se movimenta mais, daí precisa de alguém para dizer outra palavra para o cérebro voltar a funcionar, digamos assim. As disfunções executivas também atacam muito no quesito de dar continuidade em uma ação, ou parar outra, esses dias mesmo, estava trabalhando em uma arte e eu fui embora um dia todo sem sequer pensar em parar, meu cérebro simplesmente esqueceu que eu precisava dar uma pausa para fazer outras



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

coisas na vida, isso inclui o básico, como comer e dormir, eram 2h da manhã e eu estava lá, sendo que comecei de manhã, eu nunca vou acostumar com isso, porque da mesma forma, quando eu dou uma pausa, parece que desconectei com o que estava fazendo e posso passar até anos sem conseguir terminar o que estava fazendo, mesmo que eu tente, me coloque de novo lá, só não consigo, pior que a disfunção não é algo de algumas horas, não tem definição, se eu estiver só, ela pode durar meses, isso me dá tanta raiva que eu não sei gerenciar, então só evito ou me afasto do projeto. Quando tem outra pessoa, para me ajudar, dar suporte, ao menos emocional ou criativo, eu consigo tentar novamente e geralmente ajuda muito, mas eu não vou sempre conseguir ir atrás de alguém para me ajudar, pelo simples fato que isso que eu estou contando agora é o que consegui entender depois de muitos cuidados, reflexões e apoio profissional, mas na hora em que essas coisas acontecem, eu só estou lá, sacudindo os braços, balançando os pés, ou com fone de ouvido para tentar me acalmar, pois não sei por que me sinto tão angustiado e revoltado ao mesmo tempo. Em muitos momentos, quando me sentia assim, eu me arranhava, minhas unhas sempre foram relativamente grandes, sempre tive nojo de roer unhas, e não me ligava em cortar, cresce rápido, eu reparei que nessas horas eu sentia minha pele coçar, reparando mais, eu vejo que dependendo da emoção que eu sinto, os pelos ficam eriçados e eu tinha isso como se fosse a sensação de coceira, eu só me arranhava e nunca passava, só parava quando via que estava começando a sair sangue, aí eu tomava banho, tenho medo de germes, mas ainda sentia uma coisa muito estanha na pele. A mesma coisa acontecia com o cabelo, durante um tempo inclusive precisei tratar, porque arranquei muito cabelo nesses movimentos repetitivos sem ver, ficou um buraco do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tamanho de uma moeda de um real, não era alopecia, era eu, não sei dizer se o estresse pode ter sido a causa, eu já tenho esse histórico de me machucar sem perceber, mas pode ter contribuído. Hoje fazendo terapia, já vejo que nas horas que tiver esses sentimentos, desenhar, ouvir música (cantando ou dançando) e caminhar me cansam o suficiente para eu evitar isso, tem funcionado, pelo menos, voltei a ter cabelo. Essas coisas não me impediram de ascender academicamente, apesar dessas dificuldades, mesmo sabendo que estaria gastando energia em dobro nas interações, continuei trabalhando muito em aprender a melhorar minha socialização, sempre cumprimento todos, olho nos olhos o tempo que eu sei parecer normal, sorrio enquanto falo ou coloco um tom mais sério para assunto mais sério, eu aprendi mesmo, cansa muito pensar antes de dizer cada palavra, mas é bom, pelo menos agora eu evito muitas perguntas, consigo as coisas que quero das pessoas e continuo sendo bem aceito em lugares e atividades sociais, acho que é por isso que poucas pessoas sabem sobre meu diagnóstico, eu aprendi a viver num mundo que nunca foi meu, mas isso me ajudou a me tornar mais confiante e criar ferramentas para melhorar o meu mundo, já me tornei muito mais do que eu esperava e estou vendo que vou me tornar tudo que eu ainda quiser, parei de duvidar da minha capacidade intelectual afinal há comprovação de inteligência o bastante até nos laudos, as dificuldades não são sinônimo de incapacidade, hoje eu entendo, nível um de suporte é precisar de suporte, afetivo e profissional, mas ainda assim, eu consigo, consegui até aqui e vou ignorar qualquer um que disser o contrário. (Da Vinci, 26, abril, 2023).

O homem constrói estruturas econômicas, políticas, linguísticas, relacionais, além de poder sempre ultrapassá-las ou modificá-las, sua



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

capacidade de criar, compreender, transcender, comportar-se consiste uma das maiores riquezas do homem, riquezas são acrescentadas e desenvolvidas nas relações intersubjetivas.

Merleau-Ponty explicitou a inerência do sujeito a um mundo social a pessoa se encontra situada num universo de utensílios, de hábitos e de ideias que ela não constitui desde o nascimento e que formam o horizonte da sua atividade prática e cognoscitiva e este social existe como solicitação e condicionamento mesmo antes de ser acolhido numa percepção explícita ou qualquer juízo. “A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela fornece... O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há ali uma sociedade a conhecer” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 465, 466).

6. A percepção da estrutura corporal pelos sinais, sintomas, dificuldades e comorbidades relatadas pela pessoa com Transtorno do Espectro Autista

No que se refere a conceitos cristalizados de normalidade e de deficiência, há certa ambiguidade nas sociedades ocidentais de que a condição do deficiente físico é diversa dos transtornos biológico-existenciais.

A experiência não é determinada por uma doença ou uma grande decepção que modifica o corpo, por isso tanto a pessoa com deficiência quanto a pessoa considerada normal estão à mercê da impessoalidade da existência ao mesmo tempo em que a afetividade e o saber implicam na sua história pessoal.

Os sinais de autismo foram notados desde cedo pelos professores, médicos, familiares e amigos, Da Vinci relatou os seguintes:

Ecolalia mental: Uma palavra ou frase se repete incontáveis vezes em sua mente, quando criança falar para tentar aliviar o pensamento é



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comum, mas com tempo, algumas pessoas podem aprender a controlar e não falar, mas o pensamento continua lá, repetidas vezes, por vários minutos, ou intercalando, entre horas, mas sempre retornam pelo menos quatro a cinco vezes ao dia. São frases soltas, muitas vezes associadas a coisas boas ou assustadores, ou causadores de ansiedade, no caso estudado, eram frases como “fulano me abraçou”, “levei um tapa”, “entrei na festa”, “todos olharam”, ou palavras soltas também da mesma natureza ou palavras novas, diferentes, como termos anatômicos, termos técnicos, objetos, seres mitológicos, nomes de pessoas e/ou lugares em qualquer idioma que a pessoa conheça.

Movimentos repetitivos (estereotípias): Movimentação principalmente de braços, pés, mãos e tronco, de um lado para o outro ou para frente e para trás em movimento pendular, em alguns momentos conseguem ser evitados em público.

Necessidade de rotinas: Foram diversos rituais relatados, como dobrar a toalha com a etiqueta para a direita, por cima da segunda dobra, ou não conseguir tomar banho; Usar o mesmo talher/copo sempre e desistir de comer por um tempo quando não os encontra; desistir de alguma comida por não ter a opção que tem costume; a forma de arrumar as coisas para trabalhar, dentre outros.

Seletividade alimentar: a lista de alimentos que ele não consegue consumir é extensa, engloba algumas frutas, comidas regionais, condimentos, molhos, tipos de bebidas, alguns alimentos frios, quentes, doces e salgados. Cada um por uma razão diferente, mas em sua grande maioria por terem texturas ou sabores que considera intensos demais para seus sentidos, não consegue sequer provar, a muitos chegou a tentar experimentar mais de uma vez, sem sucesso.

hipersensibilidade tátil: manifestada principalmente na dificuldade com aceitação de tecidos, esse ponto foi trazido como uma grande reclamação, por não conseguir usar roupas com etiquetas, diversos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tecidos, por causar a mesma reação de coçar a pele repetidamente, ou sentir a sensação de calor, como se estivesse queimando a pele, pela simples fricção normal do tecido no corpo. Isso causa incômodo significativo por reduzir drasticamente as opções de roupas para o cotidiano. Produtos cosmético podem causar reações parecidas devido a textura, cheiro, etc. Além da sensibilidade à umidade e calor, outra manifestação já trabalhada pelo sujeito é a dificuldade em toques (receber toques, seja de pessoas ou animais), ainda causa desconforto, porém tem maior nível de aceitação que tinha na infância, adolescência e início da vida adulta. Isso não significa desgostar de toque, mas sentir desconforto em muitas situações que envolvam contato físico.

Hipersensibilidade auditiva: é complexo por ser apresentado pelo participante como algo bom e ruim, pois consegue identificar sons ainda que estejam dispersos junto a outros sons, como por exemplo, se houverem cinco músicas tocando ao mesmo tempo, ele reconhece e consegue acompanhar todas ao mesmo tempo, quase como se estivesse ouvindo cada uma em um fone de ouvido, no entanto isso é assustador, por exemplo, em meio a uma multidão pois todas as vozes tem o mesmo efeito e é impossível se concentrar ouvindo absolutamente todas as conversas ao mesmo tempo, no desespero, colocar os fone de ouvido e escutar uma música repetida é a melhor saída que ele encontrou.

Hipersensibilidade olfativa: capacidade de sentir cheiros com maior intensidade, chegando a causar reações físicas ao sujeito. No presente estudo, a maioria dos cheiros desconhecidos dão dor de cabeça, ou enjoo, ao participante da pesquisa, alguns levam-no a vomitar, mesmo não sendo cheiros considerados fortes para as outras pessoas, como o aroma do leite, por exemplo.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Senso de justiça: Outra característica muito comum no TEA, em Da Vinci é retratada como apego às regras, inclusive algo que o fez permanecer confortável por muito tempo em diversas instituições, religiosas e de trabalho. Um apego seguido minuciosamente, sendo inclusive pouco provável sequer cogitar opções que fugissem disso, ainda que as regras não fossem favoráveis a ele, sendo preciso ter o suporte de alguém para alertar de riscos ou prejuízos em alguns casos. Percepção de certo e errado e lidar com isso de forma justa sempre lhe pareceu inquestionável, porém retratando inflexibilidade.

Hiperfoco: capacidade de manter-se focado em um tipo de interesse específico, que pode permanecer no decorrer da vida ou estar presente apenas em alguns períodos, como o interesse incessante por dinossauros na infância, ou o foco em artes na maior parte da vida, com dedicação de tempo além do normal na maior parte do tempo.

Prosopagnosia: Trata-se da incapacidade parcial ou total de memorizar rostos. Para o participante da pesquisa essa é uma das características que mais o incomoda e atrapalha, pois o impede de gravar rostos, para diferenciar e recordar da face de alguém ele necessita ver a pessoa com muita frequência por um longo período para que isso aconteça, do contrário, o que o faz recordar da pessoa são objetos, roupas e contextos. A memória ele relata funcionar muito bem, inclusive isso o ajuda nesse caso, pois lembra dos óculos, a cor dos óculos, se tinha ou não cordão atado a ele, relógio, pulseira, cor e formato dos adereços usados, cor das unhas, tipo de roupa, modelo, mochila, tudo que a pessoa usa, só não recorda o rosto com facilidade.

Coordenação motora grossa limitada: correr, fazer atividades que exijam equilíbrio ou a interação com objetos como foi contado sobre os esportes é além de desafiador, arriscado, por sempre render machucados. Diferente da coordenação motora fina, que foi desenvolvida por meio da arte, sendo inclusive ambidestro, na



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

coordenação motora grossa uma das poucas atividades que consegue realizar é a dança se for ensaiada diversas vezes.

Dificuldade com situações abstratas: tudo que não pode ser visualizado com imagens não existe para ele, até que ele consiga criar uma imagem mental, muitos assuntos demoram a ser desenvolvidos, por terem falhas de imagem no decorrer de seus desdobramentos, como por exemplo, falar sobre inscrever-se em algo, concorrer e receber o que foi ganho, é uma sequência sem lógica, por não passar imagens desses procedimentos, inscrever como? Onde? De que forma? Ir até lá? Onde? Quando? Que lugar é esse e como saber se é o lugar que estou imaginando? Todas essas perguntas surgem no mesmo momento e transformam o recebimento de uma instrução em algo assustador, uma solução encontrada foi gravar algumas instruções ou pedir para a pessoa escrever comentários sobre como precisa fazer algo. Da mesma forma, muitas reclamações, comentários e outros assuntos que não possam ser representados, podem passar despercebidos por não terem sentido concreto para ele, sendo preciso descrever o que se passa para ter validade e ser “enxergado” mentalmente.

Dissociação: é a desconexão temporária da pessoa com a realidade a qual vive. Foi relatado que ocorre com pouca frequência, mais comum ocorrer em locais com muitos estímulos sensoriais, podendo ocasionar ou não um *shutdown* que seria uma crise interna, causando esse desligamento ou isolamento da pessoa.

Alexitimia: dificuldade ou incapacidade de compreender os sentimentos e expressá-los, é sentir e não saber dizer o que sente, por ser difícil compreender de qual sensação se trata. Um exemplo é sentir tédio e confundir com raiva ou tristeza, ou simplesmente não saber que sentimento é. No presente estudo de caso o paciente relata que a psicoterapia com abordagem em Gestalt-terapia foi eficiente na



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compreensão de sensações corporais que dessem indícios de quais sentimentos poderiam estar atrelados a determinados sinais percebidos no corpo, como o aperto na garganta e peito, no momento de angústia e tristeza, na descarga de adrenalina na raiva intensa, entusiasmo na alegria, etc., nesse ponto a corporeidade foi explorada e fundamental para lidar com esse sintoma que, por ele considera como sob controle.

Colapso ou Meltdown: é a crise propriamente dita, que envolve movimento repetitivos, choro, respiração ofegante, ou a ausência de movimentos motores, acompanhado dos outros sinais citados com a dificuldade de se mexer. Geralmente causado por uma sobrecarga sensorial e emocional. Pode estar associado a estresse, ansiedade e outras comorbidades. No caso relatado, são episódios raros, com intervalos cada vez maiores.

Dificuldades de Introcepção: Alguns itens citados, podem estar associados a dificuldade em compreender a sensação de sede e fome, quando em hiperfoco essas sensações simplesmente não surgem ou não conseguem ser percebidas, afirmou o participante, em dissociação, disfunção executiva e ecolalia mental também não há a percepção dessas sensações, por vezes o paciente só se alimentou quando ouviu barulhos vindos da barriga, que o fizeram lembrar que estava sem comer há muitas horas. Essa dificuldade já causou prejuízos graves no decorrer da vida do participante, tendo episódios de princípios de anorexia, infecção urinária, ou o oposto, quando passou a comer todas as vezes que mandavam, engordando significativamente sem intenção, seguido de perda de peso quando deixou de ter o convívio com quem o mandava comer, além da dificuldade de percepção de dor, ou outras condições internas do corpo.

Além de todas as variações de dificuldades sociais e de interação relatadas no decorrer do artigo. Algumas comorbidades



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

foram percebidas, como parte do quadro de saúde geral, foram elas: rinite, sinusite, asma, alergia a uma vasta gama de medicações, problemas articulares e de coluna, pressão baixa, hipersensibilidade à luz, astigmatismo e hipermetropia.

A pessoa com deficiência física é constantemente excluída e está fadada ao desaparecimento social quando lhe é negada as condições adequadas para sua participação na coletividade, em grande parte, isso ocorre pelas dificuldades de locomoção por conta da infraestrutura urbana que não adaptada às suas necessidades, mesmo havendo a exigência que seja tratada normalmente como qualquer outra pessoa

O estigma ou o desaparecimento social, em geral, estão presentes na condição de deficiente. Os obstáculos que os autistas enfrentam no mundo dadas as dificuldades inerentes ao transtorno apresentam-se tal como os obstáculos aos deficientes físicos, ou seja, aquelas calçadas altas e rampas inadequadas exatamente como são para quem tem as chamadas deficiências visíveis. Assim, um corpo deficiente se lança no mundo organizado para a pessoa considerada normal. Contudo, fará parte da expressão da liberdade do deficiente viver as dificuldades de locomoção como fracasso pessoal ou como desafio. Por conseguinte, buscar mudanças de alguns aspectos desse mundo pensado para “pessoas normais” envolve políticas públicas a fim de adotar uma visão crítica sobre a organização do próprio mundo como forma de proporcionar à pessoa com deficiência, com sua corporeidade específica, as condições necessárias e urgentes de inserção nos espaços coletivos, de relação com os outros e de um futuro de realizações. Logo, buscar compreender as tramas da existência histórica e pessoal irá viabilizar o entendimento da situação da pessoa com deficiência, a qual atua frente à realidade e de acordo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

com as possibilidades inscritas no mundo como forma de expressão da própria liberdade.

Pode-se verificar quais dificuldades estão efetivamente ligadas à deficiência, no desvelar da biografia e que dificuldades estão relacionadas a outras nuances de vida como pessoa com deficiência. Para tanto, é necessário considerar o contexto antropológico em que o preconceito pode ser vivido; o apoio oferecido pela rede sociológica da pessoa com uma deficiência; e a biografia da pessoa com a deficiência. Continuar a viver é ainda lançar-se para um futuro de uma forma nova, onde a própria pessoa faz a sua escolha.

É o corpo que pensa, que imagina, que se emociona e somente em atos se dão os fenômenos psíquicos como pensar, emocionar-se e imaginar-se. Dessa maneira, a deficiência também é uma maneira de ser no mundo.

7. A percepção da influência do mundo cultural nos cuidados com o TEA

São os comportamentos que têm interferência efetiva na natureza, formando um mundo cultural, humano, pessoal, um dos indícios da existência do outro, além da sua corporeidade. Há, ao redor do homem, o mundo cultural que refletido pela ação humana, pois o homem não vive somente num mundo físico. Uma atmosfera de humanidade é emitida por cada objeto do mundo cultural. Daí que “no objeto cultural, eu sinto, sob o véu de anonimato, a presença próxima de outrem” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 466).

O desenvolvimento motor foi facilitado pela utilização contínua de instrumentos para desenhos e pinturas, o que favoreceu o processo de prática da escrita, com o desenho das letras junto aos desenhos durante a infância. As atividades com tinta, cores, facilitou o exercício da criatividade e mobilização das funções mentais, auxiliando no contraponto com a rigidez cognitiva.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por muitas vezes as socializações foram facilitadas por intermédio das construções artísticas envolvidas, como as construções de cenários ou projetos que exigiam a participação de outras pessoas, reduzindo o fator ansiogênico advindo da interação social.

A consciência é encarnada e o objeto se comunica com a história pessoal do sujeito que percebe, portanto, há coexistência entre sujeito e objeto a partir de uma comunicação autêntica. Merleau-Ponty supera o dualismo sartreano do “em-si” e do “para-si” por meio da percepção, uma vez que o percebido é uma realidade para o ser na experiência perceptiva que rechaça o prejuízo do mundo em si e que capta o surgimento do sentido.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1945/2011, p. 290):

... o espetáculo percebido não é ser puro. Tomado exatamente tal como o vejo, ele é um momento de minha história individual e, como a sensação é uma reconstituição, ela supõe em mim os sedimentos de uma consciência prévia, eu sou, enquanto sujeito que sente, inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar.

Foi percebido também que a prática de pintura, desenho, escrita e canto foram ditas como atividades de potencial além de relaxante, dissipador de pensamentos repetitivos, ecolalia e outras dificuldades no campo mental, servindo como mecanismo regulador de pensamentos e sensações, evitando *shutdown* e *meltdown*.

As participações em eventos, atividades culturais, exposições, oficinas de arte entre outros, foram mediadores entre a pessoa e a aproximação com público, o sujeito passou a se permitir estar entre outras pessoas, ainda que em sua grande maioria desconhecidos, movido pelo apego à arte, a ligação estabelecida com os sentidos e significados que as manifestações artísticas têm para o sujeito o fizeram direcionar-se para situações que antes considerava assustadora, mas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que se faziam necessárias para alcançar ou apropriar-se ainda mais daquilo que tanto despertava e ainda desperta seu interesse. Grandes avanços na socialização e tolerância à situações com interações sociais, se deram nesse processo, com as devidas estratégias de proteção, conforto e segurança, para evitar as sobrecargas sensoriais e/ou crises.

Considerações Finais

As explicações e verificações que validam os aspectos inerentes ao TEA estão catalogados e descritos nos manuais estatísticos diagnósticos, como o DSM-V e a CID11, porém é imprescindível ressaltar que o presente trabalho não se prende a mera constatação e enfoque psicopatológico, trata-se de um artigo contemplativo de significados, sentidos, respeitando a semiologia e vivência do fenômeno pelo participante, ou seja, trata-se de um olhar fenomenológico, dessa mesma forma, a psicopatologia aqui comentada é a psicopatologia fenomenológica, na qual a contextualização, compreensão dos sinais e sintomas da forma como é sentido pelo sujeito, suas percepções e perspectivas são priorizados, sem desconsiderar diagnósticos, contudo com a atenção e cuidado de não pôr o transtorno em primeiro plano, mas a pessoa.

Dessa forma a necessidade de socialização para o desenvolvimento saudável, torna-se além de tudo, um desafio a parte para o sujeito no TEA, podendo haver dificuldades no aprendizado, independente de haver ou não déficit cognitivo ou deficiência intelectual, visto que a forma de captar as informações, comunicar-se, perceber o mundo e processamento sensorial tendem a ser diferentes dos demais. Por essa razão é válido ressaltar que os aspectos educacionais, a níveis de metodologias e formas de ensino sejam pensados em prol de compreender as características do sujeito,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

evitando quaisquer possibilidades de separação ou segregação desses alunos, pois ter a socialização enquanto desafio não significa de maneira alguma a necessidade de separação, ao contrário, deve-se utilizar-se disso para a inserção do sujeito no contexto escolar diversificado para fortalecer seu desenvolvimento e prover a criação de estratégias para o desenvolvimento da comunicação e, conseqüentemente auxiliando na aprendizagem.

Os métodos de ensino e acompanhamento dos alunos requerem adequação às particularidades apresentadas, sendo imprescindível a consideração das diferenças como forma de ampliar as possibilidades, permitindo a inserção de crianças com diferentes perspectivas, compartilhando com os demais alunos, diversas formas de aprender. (Paes, Monteiro & Brilhante, 2020, p. 52).

No entanto a ausência de diagnóstico nas idades iniciais da infância pode ter grandes impactos na vida da pessoa, considerando que, dependendo do nível de suporte que o sujeito necessite, muitas ações presentes no cotidiano podem se tornar fatores ansiogênicos, representarem desconfortos, sobrecarregar sensorialmente, ocasionar crises, movimentações repetitivas, ou até levar o indivíduo a desistir de muitos eventos, situações e momentos por conta da reverberação de sentimentos, emoções e sensações que desencadeiam. Dessa forma o risco de isolamento, depressão, e outras comorbidades que possam surgir por conta das dificuldades não tratadas pela ausência de diagnóstico e compreensão do que causa e como proceder em cada caso vivido.

Finalmente, verificou-se, a partir do relato da pessoa com TEA, quais são as dificuldades que estão efetivamente ligadas à deficiência no desvendar da sua biografia (visível) e que dificuldades estão relacionadas a outras nuances de vida (invisível) como pessoa com deficiência.



Referências

- Brasil. Ministério da Saúde. (2013). *Linha de cuidado para a atenção integral às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias no Sistema Único de Saúde*. Série A. Normas e Manuais Técnicos.
- Dieleman, L. M.; De Pauw, S. S. W.; Soenens, B.; Bevers, W. & Prinzie, P. (2017) Examining bidirectional relationships between parenting and child maladjustment in youth with autism spectrum disorder: A 9-year longitudinal study. *Dev Psychopathol*; 29(4): 1199-1213, 10.
- Fadda, G. M. (2013). *Autismos e o olhar centrado na pessoa*. Universidade da Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC.
- Marocco, V. (2010) *Autismo: Um Fenômeno Implicado da Razão Sensível*. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul.
- Merleau-Ponty, M. (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. Martins Fontes, (Originalmente publicado em francês, 1945)
- Merleau-Ponty, M. (2013) *O Olho e o Espírito*. Cosac Naify, (Originalmente publicado em francês, 1960)
- Merleau-Ponty, M. (1964) *O Visível E O Invisível*, Editora Perspectiva, 2003 Originalmente publicado em francês.
- Merleau-Ponty, M. (2006) *A Estrutura do comportamento*, Martins Fontes - selo Martins, 2006 (Originalmente publicado em francês, 1967)
- Merleau-Ponty, M. (1984). *As relações com o outro na criança*. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. SEGCP/Imprensa Oficial.
- Merleau-Ponty, M. (1989). *Textos Seleccionados*. Nova Cultural.
- Merleau-Ponty, M. (2000) *A Natureza – Cursos no Collège de France*, tradução Álvaro Cabral – Martins Fontes.
- Nista-Piccolo; V. L; Moreira, W. W. (2012) Corporeidade no esporte: a busca de autonomia. In: Nista-Piccolo, V.L.; Moreira, W.W. W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. Cortez, c. p. 38-51.
- Paes, J. da S.; Monteiro, K. P.; Brilhante, L. de O. (2020). *A importância do psicólogo para a socialização do aluno do espectro autista: As estratégias de ensino da psicopatologia à escola*. Virtual Books. ISBN 978-65-5606-089-7.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sociedade brasileira de pediatria. (2019). Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. *Manual*, Nº 05, Abril de 2019.

World Health Organization. (2013) *Autism spectrum disorders & other developmental disorders. From raising awareness to building capacity*. 16 -18, September.

Zhou, Y.; Yin, H.; Wang, M. & Wang, J. (2019) The effect of family-focused psychoeducational therapy for autism spectrum disorder children's parents on parenting self-efficacy and emotion. *Archives of Psychiatric Nursing*, 33 (1) , pp. 17-22, <https://doi.org/10.1016/j.apnu.2018.08.002>

Recebido: 06-2023

Aceito: 15-06-2023

Publicado: 01-

07-2023

AUTORES

Jane da Silva Paes: Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela FAVENI. Bacharela e Psicologia pela UFAM. Coordenadora Técnica da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisora no Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>

Mauro Batista Negreiros: Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Saúde Metal, Álcool e Outras Drogas pela Unoversidade Estadual do Amazonas – UEA. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Kuriós. Bacharel em Psicologia pela UFAM. E-mail: m.b.negreiros@hotmail.com Orcid <https://orcid.org/0000-0002-0535-4567>